

mulheres me contaram outro dia

**Histórias de violência
contra a mulher que
nos fazem repensar o
feminino em nós**

Adriana Moro

Copyright © 2020 – **Adriana Moro**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa publicação pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios, tais como: eletrônicos, e-mail, mecânicos, por fotocópia, gravação ou outros, sem a permissão expressa e escrita do titular dos direitos autorais.

Ilustração capa:

Bruna Hreczuck Kalinoski

Projeto gráfico e diagramação:

Paula Lobato

Revisão de texto:

Izabella Belusio

Maurício Apolinário

Catálogo na Publicação – (CIP)

MORO, Adriana.

Mulheres me contaram outro dia : histórias de violência contra a mulher que nos fazem repensar o feminino em nós / Adriana Moro. – Brasília: Visibilidade Feminina, 2020.

143 p.

ISBN: 978-65-87021-02-7

1. Violência contra as mulheres - Brasil. - I. Título

CDD 305.42

mulheres me contaram outro dia

**Histórias de violência
contra a mulher que
nos fazem repensar o
feminino em nós**

Adriana Moro

Editora
Visibilidade Feminina
Brasília, 2020

Recado da autora

Este livro foi escrito durante os meus dias de isolamento por conta da pandemia do coronavírus.

Eu, como enfermeira, imunodeprimida, tive de me afastar das atividades de trabalho à frente da assistência, todavia me inquietei para fazer algo pelas pessoas que estavam sofrendo pelos efeitos do vírus, principalmente pelas mulheres, que também em isolamento, passaram a sofrer ainda mais com as situações de violência doméstica.

Por isso, todo o lucro da venda deste livro será repassados às instituições que trabalham com questões referentes à violência contra a mulher.

Agradeço a você que adquiriu seu exemplar!

Se você quer ajudar ainda mais, adquira mais um e presenteie alguém que você ama. Assim, estaremos fazendo uma grande corrente de sororidade nestes dias tão difíceis, falando sobre situações de violência contra a mulher, mas também repensando o feminino que há em nós, não importando o gênero!

Telefones úteis em caso de violência contra a mulher

Polícia Militar:

Disque 190

Secretaria Nacional de Direitos Humanos:

Disque 100

Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres:

Disque 180

Aplicativo:

Direitos Humanos Brasil

Dedicatória

À todas as mulheres...de corpo, de alma e às de coração!
Àquelas que me antecederam e àquelas que me sucederão!
À minha mãe sempre!

“Eu não sou livre enquanto
alguma mulher não o for, mesmo
quando as correntes dela forem
muito diferentes das minhas”.

Audre Lorde*

*LORDE, A. Palestra no painel “Lesbianismo e Literatura” da Modern Language Association, em Chicago, Illinois, dezembro de 1977.

“O que é ser mulher? O que cada uma de nós já deixou de fazer ou fez com algum nível de dificuldade pela identidade de gênero, pelo fato de ser mulher? A pergunta não é retórica, ela é objetiva, é para refletirmos no dia a dia, no passo a passo de todas as mulheres, no conjunto da maioria da população...”

Marielle Franco*

*FRANCO, M. Discurso “Ata da câmara do Rio de Janeiro em 8 de março de 2017”. Acesso em: <https://mail.camararj.gov.br/APL/Legislativosdiscvotnsf/5d50d39bd976391b83256536006a2502cd266fdef87ea5fc8325824a006d079d?OpenDocument>

“Toda e qualquer violência física e psicológica contra a mulher deve, sim, ser repudiada. Quando se fala em agressão, não devemos pensar apenas em socos, tapas e chutes. A agressão também se faz com palavras, atitudes e manipulações que ferem a dignidade”

Taís Araújo*

*Página Pessoal da atriz. Acesso em: <https://m.facebook.com/taisdeverdadephotosa467026363422100/705806839544050/?type=3>

“Toda vez que uma mulher se defende, sem perceber que isso é possível, sem qualquer pretensão, ela defende todas as mulheres”.

Maya Angelou*

*STEPHANIE, A. apud Angelou, M.
Três anos da morte de Maya Angelou.
Março, 2017. Acesso em: [https://
todosnegrosdomundo.com.br/tres-anos-
da-morte-de-maya-angelou/](https://todosnegrosdomundo.com.br/tres-anos-da-morte-de-maya-angelou/)

Agradecimento aos apoiadores

Ao **Instituto Maria da Penha**, por construir e fortalecer mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, conforme o art. 1º da Lei nº11.340/2006, em especial a Regina Celia Almeida Silva Barbosa, Cofundadora do Instituto Maria da Penha e Vice-Presidente do mesmo instituto, a qual prefaciou este livro. Acesso em: www.institutomariadapenha.org.br; Instagram @institutomariadapenha;

Ao **Clube Soroptimista de Rio Negro – Paraná**, por auxiliar nas buscas dos relatos de casos de atendimentos de violência para este livro. Acesso em: www.soroptimist.org; Instagram: @clubesoroptimistarionegro; Facebook: Clube Soroptimista Internacional Rio Negro; www.soroptimistbrasil.org.br;

Ao **Instituto Política por.de.para Mulheres**, associação sem fins Lucrativos, situado na cidade de Curitiba/PR, pelo apoio e divulgação. Acesso em: <https://politicaemulheres.com.br>; Instagram @politicaemulheres; Facebook: Política por.de.para Mulheres;

Agradeço a **Dircélia P. Mazur**, por ver possibilidade terapêutica em cada uma das histórias aqui contadas;

Por fim e de maneira especial à **Associação Visibilidade Feminina**, associação civil de direito privado sem fins lucrativos, pelo apoio e execução do projeto do livro como um todo. Acesso em: <http://www.visibilidadefeminina.org/>; Instagram: @Visibilidade_feminina; Facebook: @VisibilidadeFeminina.

Compromisso social

Não faz muito tempo conhecemos o conceito de “dororidade”, que Vilma Piedade cunhou, em uma construção com a palavra sororidade e os impactos do racismo estrutural. Em breve síntese, Vilma Piedade nos mostra em sua obra que as mulheres se encontram na dor. Esse livro que nasce com a parceria da Visibilidade Feminina é um exemplo disso.

Mulheres me contaram outro dia certamente promoverá a união entre muitas mulheres por meio da dor que vivenciam ou vivenciaram. É uma escrita que não nos poupa de narrar a VIOLÊNCIA, assim, em caixa alta, de forma clara, e expor, como uma ferida aberta, os traumas que muitas mulheres trazem, sem romantizar ou atenuar. É certo.

Não por acaso, a publicação da obra foi precedida de diversas conversas e pesquisas – com profissionais de saúde mental inclusive –, por nos preocuparmos com os efeitos que a leitura pode trazer. Portanto, é preciso dizer: Prepare-se! Contém cenas de violência explícita. Algumas pessoas podem não conseguir seguir na leitura.

Fizemos, assim, uma escolha consciente, de alertar as nossas leitoras, e convidar os nossos leitores a conhecer, sem filtros, as histórias vivenciadas e contadas por mulheres. Essa é uma obra escrita, editorada, ilustrada, promovida, realizada, em todas as suas etapas, por mulheres. É, podemos dizer, uma forma de mostrarmos à sociedade os traumas que a desigualdade de gênero nos promove a todas.

Além disso, os lucros obtidos com a sua venda têm destino certo: auxiliar grupos de mulheres em situação de vulnerabilidade. Toda a renda será doada para grupos previamente cadastrados, podendo a prestação de contas ser acompanhada no site visibilidedefeminina.org.

Buscamos, portanto, expor a ferida e, ao mesmo tempo, ajudar as mulheres que ainda estão em situação de violência. Esse é o nosso compromisso. E aí, vamos juntas?

Editora Visibilidade Feminina

Sumário

Prefácio	25
Introdução	29
Útero	33
Autoestima	47
Fragilidade	64
Sexual	78
Invisibilidade	93
Solidão	105

Vozes de outras mulheres, outras profissionais sobre as violências

do dia a dia	117
---------------------------	------------

Não acolhedores	118
Singularidades	122
Vulnerabilidade	126
Culpabilidade	130
Amor próprio	132

Posfácio	137
-----------------------	------------

Prefácio

Geralmente, as produções que apresentam como objeto de estudo a violência e a sua relação com as questões de gênero tendem a destacar a dinâmica dos movimentos sociais feministas, o papel das políticas públicas nesse contexto, os desafios dos atendimentos nos setores da saúde, o impacto da violência no mercado de trabalho, entre outros. Também, não são raras as obras que discorrem sobre o poder e a capacidade que as mulheres têm para resistir e romper com a violência que sofrem.

De acordo com Maria da Penha Maia Fernandes, inspiradora da Lei nº 11.340/2006 – Lei Maria da Penha –, “A luta contra a violência é árdua. Não é apenas responsabilidade da vítima, ou de seus familiares, mas de toda a sociedade” (FERNANDES, 2018:113). É nessa perspectiva que Adriana Moro, nesta obra em que prefacio, *Mulheres me contaram outro dia – Histórias de violência contra a mulher* que nos fazem repensar o feminino em nós, nos convida a repensar as mais diversas formas de lutar que as mulheres enfrentam para sobreviver.

No texto, as percepções de uma enfermeira sobre os desdobramentos da violência contra mulher, na cultura do patriarcado, revelam as perversidades que desafiam a nossa saúde mental. Em meio a vivências singulares que constituem a narrativa desta obra, encontramos a bestialidade na prática da violência contra a mulher na retirada de um útero, resultado de um estupro coletivo; identificamos a perda da

autoestima no processo de desconstrução do “ser mulher”; percebemos a fragilidade na sua condição de estar-no-mundo – o que significa a fragilidade na sua existência cultural.

A história e a cultura são categorias essenciais para se entender o lugar de fala da mulher, o seu corpo como objeto e representação do estigma da submissão – um “ser menos”, sem voz, sem vez, sem nada –, no contexto dominante da ideologia do machismo.

Nos corredores dos hospitais e das emergências, encontramos a interpretação de uma profissional de saúde que, ao ouvir as narrativas-desabafo, desenvolveu, sutilmente, a capacidade de vivenciar as tramas promovidas pelas relações interpessoais, e nos ensina, de forma incrível, mesmo que dentro da ficção, o verdadeiro sentido de pensar e viver autenticamente a sororidade. Grosso modo, entendemos esta como promotora da solidariedade entre as mulheres, cujo apoio e conquista permitem direcionar as expectativas para o alcance da liberdade e da igualdade tão desejadas. A essência da prática da sororidade está na escuta qualificada, que consiste no respeito em ouvir e dar voz umas às outras sem julgamentos.

Assim, a questão sobre gênero – este como representação social – e sexualidade reside no debate do que é construído socialmente. Construção essa que ora tende a definir os papéis entre homens e mulheres, como também a identificar os segmentos em que a questão da equidade de gênero é a ponta do iceberg das suas relações de poder. Não é à toa que a autora afirma “acreditar que homens e mulheres têm os

mesmos direitos em relação a sua vida sexual”. Contudo, sem vez e sem voz, a mulher torna-se não só vítima da violência nas mãos do agressor, mas também sofre a violência institucional.

A invisibilidade gera a solidão, sobretudo quando, por parte do poder público e da sociedade, gera a negação da gravidade da violência contra a mulher, a subnotificação dos casos que envolvem essa questão, bem como a tolerância às práticas da violência doméstica, que se materializa na falta de celeridade e de uma intervenção mais eficiente, capaz de reprimir o avanço desse fenômeno.

Destarte, as singularidades, a vulnerabilidade e a culpabilidade constituem os aspectos mais desafiantes quando discutimos as histórias das violências contra as mulheres, e que tendem a repensar o feminino. O momento de compartilhar, entre os profissionais de diferentes áreas – mas que atuam na linha de frente no enfrentamento à violência –, as singularidades que correspondem às especificidades tanto dos profissionais quanto da mulher em situação de violência. Os casos devem ser tratados, portanto, de forma específica, tanto pelos agentes de saúde quanto pelos profissionais das áreas social e jurídica.

Assim, a vulnerabilidade e a culpabilidade resultam de anos de opressão e descaso, no que se refere a compreender o dano da violência na estrutura psicológica, moral e física da mulher nesse tipo de situação.

O que resta à mulher, depois de anos sendo desqualificada, humilhada e ameaçada? Quais as perspectivas? Quais são os

sonhos da mulher em situação de violência? Há esperança? Como resgatar o seu amor próprio? A autoconfiança? A quem ela deve pedir ajuda? Muitos dizem “dê um basta!”; outros, “denuncie!”; todos proclamam: “por uma vida sem violência!”.

Sem dúvida, **Mulheres me contaram outro dia – Histórias de violência contra a mulher que nos fazem repensar o feminino em nós** é a convocação de uma mulher para todos e todas que desejam despertar a sua consciência e a sua humanidade para a vida, para o amor, para ser feliz!

Recife, 9 de junho de 2020.

Regina Célia A. S. Barbosa

*Co fundadora e Vice presidente
do Instituto Maria da Penha*

(em tempos de Pandemia)